

Pablo Vittar: a mídia hegemônica na construção do corpo *queer*¹

Deivid Pazatto DIAS²

Carlos Alberto BADKE³

Universidade Franciscana - UFN, Santa Maria, RS

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a construção do corpo *queer* e da cultura *drag queen* bem como as relações de poder que se estabelecem em produtos audiovisuais da mídia hegemônica. Pablo Vittar surge como objeto de análise, por compreendermos a artista como um corpo *queer*, devido a sua arte *drag queen* e a performatividade de gênero, entre outros elementos que perpassam seu corpo. Para a realização do trabalho, foram abordados os conceitos de gênero, sexualidade, Teoria *Queer* e a cultura *Drag Queen*, a partir de autores como Foucault (2015), Butler (2017), Louro (2008), Jayme (2005) entre outros. A partir de um mapeamento de entrevistas em vídeo de Pablo Vittar, os programas foram analisados baseados na análise de conteúdo proposta por Bardin (2010), a fim de expor as relações de poder da mídia hegemônica.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; *queer*; performatividade; *drag queen*; mídia hegemônica.

INTRODUÇÃO

A mídia é uma das variantes que mais influenciam a estrutura da sociedade. Ao assumir esse papel de regulação, a mídia é responsável por parte das mediações sociais e a manutenção de aspectos simbólicos na cultura. A disputa pela hegemonia cultural, articulada a outras determinantes como a religião, família, política e economia, nos permite refletir sobre a produção de um pensamento dominante. Pablo Vittar, uma *drag queen* brasileira, vem percorrendo esse caminho na contramão, ao ir de encontro a esse sistema de regulação que tenta normalizar esses corpos *estranhos*⁴. A construção do corpo *queer* na mídia hegemônica é o ponto de partida desse trabalho, que através da performatividade de gênero da artista, busca compreender as relações de poder estabelecidas pela mídia hegemônica.

Os discursos formulados pela mídia, estabelecem um poder sobre esses corpos *queer* que passam a ser reprimidos. O discurso heteronormativo produz um padrão que

¹ Trabalho apresentado no II01 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Bacharel em Jornalismo da UFN, e-mail: deividpazatto@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFN, e-mail: bebsbadke@gmail.com

⁴ Corpos “*estranhos*” é a tradução do termo “*queer*”, como proposto por Louro (2008).

carrega uma série de (*pré*)conceitos em relação às LGBTQ. Segundo Foucault (2015), esse discurso institui a temática da sexualidade no cotidiano na medida em que se “fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia os poderes que exerce e promete libertar-se das leis que a fazem funcionar” (p. 13). Deste modo, os corpos *queer* surgem como resistência, um ativismo em favor da liberdade sexual e de gênero, que vai além da luta contra a heteronormatividade.

Nesse sentido,

Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante - homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda perturba, provoca e fascina (LOURO, 2008, p. 8).

Pablo Vittar provoca um deslocamento no que diz respeito a dicotomia do que é ser feminino ou masculino culturalmente, como é proposto por Butler (2017). Ao performar outro gênero e usar seu corpo como uma ferramenta de discurso, Pablo acaba por desconstruir padrões que são mantidos como forma de limitar as possibilidades corpóreas. Esse deslocamento posto em prática, vai de encontro ao discurso da mídia hegemônica, que agora passa a conviver e rever as suas abordagens para/com esses corpos.

Ao entendermos gênero como uma construção social, a performatividade *drag* acaba por demonstrar a farsa dos gêneros. Jayme (2005) coloca as *drag queens*, travestis, transformistas e transexuais como emblemáticas para a discussão da construção de identidades, por serem sujeitos diferentes entre si e fazerem questão de mostrarem essas distinções. Entretanto, “se aproximam no que se refere à intervenção corporal e aos efeitos dessa intervenção na redefinição de gênero” (JAYME, 2005, p. 163). Essa ação de redefinir o feminino e o masculino enfatiza uma interpretação de gênero como cultural e processual.

A *drag queen* está associada ao trabalho artístico, na expressão do gênero feminino, em referência às mulheres, onde se tem uma elaboração/construção de uma personagem performática, muitas vezes extravagante, caricata e luxuosa. Para Amanájas (2014), a *drag queen* não se trata de como o indivíduo se sente em relação a sua própria

percepção, tanto interna quanto externa, mas na verdade, o que esse indivíduo faz como expressão artística. Desta maneira, heterossexuais, homossexuais e transgêneros podem performar. Sendo assim, a forma artística não se correlaciona diretamente com o conceito de identidade de gênero.

Para Butler (2017), as *drag queens* caracterizam as relações de gênero, superando a dicotomia masculino/feminino. A autora, ao dizer que a verdade do gênero é uma fabricação e o gênero verdadeiro é uma fantasia, a partir dessa reflexão, entende-se que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas produzidos como parte de um discurso de identidade. Nesse sentido, a *drag* é um modo de *performance queer* que subversivamente representa a natureza de outras identidades.

Por esse motivo, o trabalho busca compreender a construção do corpo *queer* e da cultura *drag queen* bem como as relações de poder que se estabelecem em produtos audiovisuais da mídia hegemônica, a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2010). A partir de um mapeamento de entrevistas em vídeo de Pablo, realizadas durante o ano de 2017, logo que a artista ganhou destaque na mídia, selecionamos seis produtos em diferentes grupos de comunicação para a análise. A escolha por entrevistas em vídeo, se dá pelo fato de a análise se propor a explorar alguns contextos onde Pablo Vittar está inserida. Como critérios de seleção foram conferidos a relevância, abrangência e conteúdo das entrevistas.

As edições de programas analisados, em ordem cronológica são:

Tabela 01. Edições dos programas analisados

PROGRAMA	MÍDIA	TÍTULO	DATA DA VEICULAÇÃO	DURAÇÃO
VEJA Música TVEJA - Revista Veja	<i>Site</i>	Todo dia é carnaval com Pablo Vittar ⁵	31/01/2017	30 minutos
Trip TV Revista Trip	<i>Site</i>	Ninguém tomba Pablo Vittar ⁶	16/02/2017	02 minutos e 56 segundos

⁵VEJA MÚSICA. *Todo dia é carnaval com Pablo Vittar*. TVEJA - Revista Veja, 31/01/2017. (30m). Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/tveja/veja-musica/todo-dia-e-carnaval-com-pablo-vittar/>>. Acesso em: 28/08/2018.

⁶*Ninguém tomba Pablo Vittar*. Revista Trip, 16/02/2017. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip-tv/pablo-vittar-drag-queen-genero-musica-vai-passar-mal-lgbt-lgbtphobia-carnaval-amor-e-sexo>>. Acesso em: 20/08/2018.

Encontro com Fátima Bernardes Rede Globo	Programa de televisão	Pablo Vittar: um fenômeno pop trans ⁷	09/08/2017	11 minutos e 07 segundos
Pânico na Band Rede Bandeirantes	Programa de televisão	Pânico Sagas: Pablo Vittar, qual é a rusga? (EP1) ⁸	22/10/2017	14 minutos e 50 segundos
Pânico na Band Rede Bandeirantes	Programa de televisão	Pânico Sagas: Pablo Vittar, qual é a rusga? (EP2) ⁹	29/10/2017	09 minutos e 03 segundos
Caldeirão do Huck Rede Globo	Programa de televisão	Vou de táxi: entrevista Pablo Vittar ¹⁰	02/12/2017	09 minutos e 16 segundos

A entrevista para a *Trip TV*, é a única que contém vídeo e texto. Já o *Pânico na Band* é o único programa que terá dois produtos analisados. *VEJA Música*, *Encontro com Fátima Bernardes* e *Caldeirão do Huck* tem apenas uma entrevista. Para análise do extinto programa *Pânico na Band*, optamos por destinar um subitem para a categoria dedicado ao humorístico. A decisão se dá pela forma como Pablo Vittar é alvo de uma estratégia de chacota especialmente nesse programa.

1. MÍDIA: UM SHOW DE *CLOSE ERRADO*

Nos cinco programas analisados, apenas a entrevista para a *Trip TV* contém parte em texto e outra em vídeo. Assim como a *Veja*, a *Trip TV* disponibilizou a entrevista no *site* de suas revistas. De início, percebemos os modos diferentes como a *Veja* e *Trip* apresentam Pablo nos títulos de suas produções. No *site* da *Veja*, a manchete é *Todo dia*

⁷ ENCONTRO COM FÁTIMA BERNARDES. *Pablo Vittar: um fenômeno pop trans*. Rede Globo, 09/08/2017. (11m07s). Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6066070/>>. Acesso em: 08/09/2018.

⁸ PÂNICO NA BAND. *Pânico Sagas: Pablo Vittar, qual é a rusga? (c/ Christian Pior) - E01*. Rede Bandeirantes, 22/10/2017. (14m50s). Disponível em: <<https://youtu.be/39pwSrA2JYA>>. Acesso em: 14/09/2018.

⁹ PÂNICO NA BAND. *Pânico Sagas: Pablo Vittar, qual é a rusga? (c/ Christian Pior) - E02*. Rede Bandeirantes, 29/10/2017. (09m03s). Disponível em: <<https://youtu.be/DaOO2u12mis>>. Acesso em: 26/09/2018.

¹⁰ CALDEIRÃO DO HUCK. *Vou de táxi: entrevista Pablo Vittar*. Rede Globo, 02/12/2017. (09m16s). Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6328498/>>. Acesso em: 25/09/2018.

é carnaval com Pablllo Vittar. No site da revista Trip, o título da entrevista com a artista é Ninguém tomba Pablllo Vittar.

Enquanto a *Trip* traz uma Pablllo empoderada em seu título, abordando ali o que será tratado no decorrer do vídeo e no texto, a *Veja* dá um título fazendo referência à música sucesso do carnaval de 2017, *Todo Dia*, uma parceria de Pablllo com o *rapper* Rico Dalasam. No título da matéria da publicação da *Veja*, a tentativa de fazer uma ligação com a música, pode não apresentar um sentido de empoderamento do que é ser *vadia*, como é proposto na música¹¹. A revista *Veja*, pode ter sugerido um sentido diferente, colocando Pablllo como apenas uma cantora passageira, assim como é o carnaval, que tem duração de alguns dias, ou talvez utilizar a palavra *vadia* com sentido pejorativo.

Em contraponto à *Veja*, a *Trip* reafirma a existência de Pablllo na linha de apoio da matéria. “Drag e afeminada com muito orgulho, Pablllo sabe da força de sua existência - e não está nem aí para os haters. ‘Sou feliz, sou drag, sou bonita, bebê!’”. A *Trip*, tanto em seu texto como no vídeo, trata Pablllo no feminino durante a entrevista, o que difere das demais entrevistas analisadas, onde os apresentadores e repórteres tratam Pablllo Vittar apenas no masculino. Observamos uma tentativa incisiva de normalização da artista, desde o começo dos programas, como veremos nos trechos de apresentação de Pablllo extraídos das entrevistas.

Sérgio Martins: *O nosso convidado tem um grande talento, e é tão abrangente que o clube de fãs dele, vai do DJ e produtor Diplo à Maisa (Silva), aquela menininha do SBT. É com muita honra que eu recebo Pablllo Vittar!* (Programa VEJA Música, Revista Veja, 2017).

André Curvello: *[...] O Pablllo ou a Pablllo, tanto faz. Pode ser chamado tanto no masculino quanto no feminino. [...] é gay, drag queen e leva até três horas pra se arrumar antes de subir ao palco.* (Programa Encontro com Fátima Bernardes, Rede Globo, 2017).

Luciano Huck: *Eu ‘tô’ muito curioso pra conhecer um pouco melhor deste artista, tão querido e característico. Quem? Calma aí que eu já conto.* (Programa Caldeirão do Huck, Rede Globo, 2017).

¹¹ Em entrevista ao portal Lado B, questionada sobre o que significava o termo *vadia* em sua música, Pablllo Vittar disse: “As *vadias* são as pessoas que se empoderam, vão atrás dos seus direitos. Se ser *vadia* é lutar por uma coisa que você acredita, usar a roupa que você quer porque você quer, ser do jeito que você quer ser porque você nasceu assim, então eu sou *vadia*. Sou *vadia* todo dia!”. Disponível em: <<https://www.ladobi.com.br/2017/01/pablllo-vittar/>>. Acesso em: 15/10/2018.

Os trechos das entrevistas apresentados anteriores, fazem referência a artista apenas no masculino e colocam Pablllo em um processo de normalização. No programa *VEJA Música*, o jornalista Sérgio Martins se utiliza de palavras no masculino para se referir a Pablllo. Na abertura do programa, percebemos um certo desconforto do apresentador após apresentar Pablllo como “convidado”. No vídeo, não fica claro que o apresentador esteja lendo no *teleprompter*,¹² o que deixa em dúvida a sua postura.

Esse mesmo processo de normalização acontece no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, onde é exibido um vídeo de apresentação da artista, feito pelo repórter André Curvello. O repórter, mesmo afirmando em sua fala que Pablllo Vittar não tem problemas com artigo para lhe definir, se refere a artista no masculino durante o vídeo, o que configura um discurso normalizador. O fato de Pablllo não se importar com a forma que irão lhe chamar, não altera o fato de o repórter tratar ela no masculino, pois a partir do momento em que ele a chama de “o Pablllo”, acaba por descaracterizar a artista enquanto um corpo performático.

Entretanto, se referir a Pablllo no masculino não está errado, segundo a própria artista, que já relatou em outras entrevistas não se importar em ser chamada de *A Pablllo* ou *O Pablllo*. Mesmo o uso de artigos não definindo sua identidade, Sérgio Martins e André Curvello acabam por deslegitimar a artista, que no momento se encontra como uma *performer*. Esse tipo de abordagem acaba por evitar a naturalização de Pablllo enquanto corpo *queer*, como é apontado por Leal e Carvalho (2012), ao dizerem que,

Qualquer abordagem às identidades LGBT tem como pano de fundo as tensões que envolvem, por exemplo, a necessidade de evitar a essencialização e/ou naturalização de realidades cristalizadas, seja a partir de uma concepção biologizante do sexo, seja de concepções de gênero como algo fixo, não cambiante. (LEAL; CARVALHO, 2012, p. 5 e 6).

No quadro *Vou de Táxi* do programa *Caldeirão do Huck* encontramos outro cenário: pela primeira vez Pablllo está desmontada em uma entrevista. Huck busca por uma definição da artista e ao pedir para Pablllo explicar como se identifica, reconhece o seu desconhecimento sobre o universo LGBTQ.

¹² *Teleprompter* é um equipamento acoplado às câmeras de vídeo que exibe o texto que será lido pelo apresentador.

Luciano Huck: *Pablo, quando você não está montada, é... Eu vou te fazer um monte de perguntas, você vai ter me ajudar hoje, tá?! [...] É o Pablo ou a Pablo? O que você prefere?*

Pablo Vittar: *Como você quiser, Luciano.*

Luciano Huck: *Não, você... você...*

Pablo Vittar: *Fica à vontade.*

Luciano Huck: *Não... mas [como] você se sente neste momento?*

Pablo Vittar: *Eu me sinto bem.*

Luciano Huck: *Em qualquer um dos dois gêneros, neste momento?*

Pablo Vittar: *Em qualquer [um]... Sim, sim.*

(Programa Caldeirão do Huck, Rede Globo, 2017).

O fato de Pablo estar desmontada parece causar um estranhamento no apresentador, que insiste em buscar uma definição para a artista. Mesmo sem os acessórios que a configuram como Pablo Vittar, a artista ainda transita entre os dois gêneros, não se limitando ao binarismo e artigos de definição. Apesar de Pablo Vittar falar que se sente bem montada e desmontada, sendo chamada de *a Pablo* ou *o Pablo*, o apresentador não busca explorar a discussão, para que o público entenda, assim como ele, as várias possibilidades de um corpo *queer*.

O programa *Encontro com Fátima Bernardes*, também não procura esclarecer como a artista se entende. Assim que Pablo inicia a sua fala no programa, surge um GC¹³ (gerador de caracter) na tela com a frase *Fenômeno pop trans - Pablo Vittar evita rótulos sobre sexualidade*, o que pode induzir que a artista se identifique como uma pessoa transexual¹⁴.

Talvez o rótulo seja por conta da denominação *Pop Trans* a um movimento musical que emergiu nos últimos anos, que coloca uma nova geração de artista *queers* empoderadas de seu corpo dentro desse movimento. A respeito da denominação *Pop Trans*, Larissa Ibúmi Moreira, em seu livro de entrevistas *Vozes Transcendentes: os novos gêneros da música brasileira*, diz que

esse movimento musical, que na cena norte-americana é chamado de *Queer*, no Brasil já foi chamado de MPBTrans pelo jornalista Jean Wyllys e de movimento Transviado por outros pensadores. Alguns dos artistas entrevistados o chamam de MPBeau - do termo francês beau,

¹³ GC é um sigla usada para “gerador de caracter”, uma tarja localizada na parte inferior da tela, que transcreve o acontecimento/tema/assunto do programa ao telespectador.

¹⁴ Em entrevista publicada pela *Revista Glamour*, no dia 11 de agosto de 2017, dois dias após a aparição da artista no programa, Pablo esclarece sua identidade de gênero: “*Não sou trans! Não quero mexer no meu corpo, fazer cirurgias*” (Pablo Vittar em entrevista à *Revista Glamour*, em 11 de agosto de 2017). BEZERRA, Flavia. *Pablo Vittar: “Sou um menino gay. Não sou trans e não faria cirurgia de redesignação sexual”*. *Revista Glamour*, 11/08/2017. Disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Must-Share/noticia/2017/08/pablo-vittar-sou-um-menino-gay-nao-sou-trans-e-nao-faria-cirurgia-de-redesignacao-sexual.html>>. Acesso em: 12/09/2018.

bela(o) - ou MPBixa. Há muitos outros que preferem não nomear a cena (MOREIRA, 2018, p. 22).

Apesar de Pablllo ser uma *drag queen*, a artista acaba por se encaixar dentro desse movimento musical, o que não deixa errado o GC utilizado no programa, mas o torna duvidoso, a partir do momento em que sugere que Pablllo é uma transexual e não explica para o público o significado do *pop trans*. O programa poderia optar por outras frases sobre o assunto do programa, como “*Fenômeno do Drag Music*”, falando especificamente deste movimento musical das *drag queens*, ou apenas optar por “*Fenômeno Pop*”, já que os altos números visualizações em seus clipes e recordes obtidos pela artista, a colocam como um fenômeno da música popular.

A normalização não está presente apenas na mídia, mas fora dela, devido a um discurso hegemônico que se propaga por todos os âmbitos da sociedade, como aponta Santos (2015), ao enfatizar que esse discurso opera na forma como os sujeitos negociam suas presenças em sociabilidade com outras pessoa. Essas formas reguladoras de opressão e normalização, como salienta Gramsci (2001), não estão ligadas apenas a cultura e outras determinantes, mas que combinadas a políticas e interesses econômicos, se articulam para a produção de um pensamento dominante.

Os programas analisados buscam colocar Pablllo Vittar em um padrão, na tentativa de classificar o corpo da artista, que por sua vez busca fugir dessas limitações de gênero. A mídia como produtora e disseminadora de conteúdos jornalísticos, informativos e de entretenimento, ao invés de desconstruir acaba por reiterar e fortalecer esses discursos normalizadores.

A mídia, ao dispor de uma superestrutura que não está limitada apenas a televisão e jornais, é responsável pela normatização das relações sociais, como aponta Paiva (2004). Por ser um espaço de poder sobre as relações sociais, ao cometer esses erros, a mídia reforça os estigmas desses corpos *estranhos*.

O despreparo do apresentadore não fica restrito apenas ao *Caldeirão do Huck*, mas também ao *Encontro com Fátima Bernardes* e o *VEJA Música*. Em contrapartida, a *Trip* tem a única entrevista analisada que tenta se aproximar da comunidade LGBTQ, utilizando termos do universo *drag* para que isso aconteça. O texto traz a linguagem utilizada no meio *drag*, e para isso se apropria de alguns termos para a construção textual.

“Tomba”, “carão”, “montou” e “gongar”¹⁵, são palavras utilizadas no universo *drag*, como apontam os autores Chidiac e Oltramari (2004), ao entenderem que as *drag queens* têm um vocabulário próprio, “constituído de regras performativas, as quais são uma série de recursos específicos de linguagem e fazem com que haja um domínio semântico [...], a partir dos lugares e posições que ocupam dentro de um determinado contexto” (p. 472).

Apesar de reconhecer o espaço da artista, compreendendo a existência de Pablo como uma importância política, o texto da revista *Trip* aponta para um assunto polêmico, a voz da artista, que é alvo de ataque na internet. As críticas em relação a voz de Pablo Vittar não ficam restritas apenas à internet, mas também ao programa *Pânico na Band*, que se apropria do desprezo alheio para fazer *humor*, como veremos a seguir. A *Trip* ainda que aborde as críticas em relação a cantora, vinda de *haters*, não se aprofunda em outras temáticas em torno do preconceito, flutuando apenas na posição de Pablo Vittar, que diz não dar importância para comentários negativos. Apesar de não normalizar Pablo, assim como a *Veja*, *Encontro com Fátima Bernardes* e *Caldeirão do Huck*, a *Trip* foca apenas em assuntos polêmicos, fomentando uma posição da artista em relação a quem não gosta dela.

1.1 Pânico na Band: um caso de ódio

O *Pânico na Band* é a única produção analisada que conta com dois programas, já que eles foram divididos em dois episódios pela própria edição do humorístico. Como veremos abaixo, o *Pânico* é um programa LGBTQfóbico, machista, classista, entre outros preconceitos, que trabalha com o desprezo alheio para levar *diversão* para seus telespectadores. Como o quadro *Pânico Sagas: Pablo Vittar, qual é a rusga?* é dividido em dois episódios, vamos adotar *Pânico 1* para o primeiro episódio, e *Pânico 2* para o segundo.

O quadro *Pânico Sagas: Pablo Vittar, qual é a rusga?*, em *Pânico 1*, inicia com Christian Pior (Evandro Santo) explicando o porquê de estar em busca de Pablo Vittar que, em outra ocasião, teria recusado dar uma entrevista ao repórter e humorista. Na primeira parte do programa, exibida em 22 de outubro de 2017, Christian também explica

¹⁵ No universo LGBT “tomba” vem de tombar, que significa alguém que chegou para impactar, causar; “Carão”, expressão usada no sentido de debochar, esnober, fazer pose; “Montou”, gíria do mundo *drag*, quando a pessoa se utiliza de maquiagem, peruca, roupas para se transformar em *drag queen*; e “Gongar” que significa falar mal de alguém, ridicularizar (n.a.).

que o fato de Pablo não ter cedido uma entrevista a ele, era culpa de seu colega de programa, Vesgo (Rodrigo Scarpa), que teria causado uma situação desconfortável com a artista, durante uma entrevista em 2016, durante o Prêmio Multishow.

O trecho da entrevista é reprisado. Além de Vesgo e Pablo Vittar, o humorista Gui Santana (Guilherme Santana) também estava presente.

Vesgo: *A gente fica muito feliz de ter você aqui, Cléo Pires* [Os humoristas citam Cléo Pires, insinuando que Pablo Vittar estava parecida com a atriz].

Pablo Vittar: *'Brigada!'*

Vesgo: *Não sabia que você expirou um gás hélio antes de vir aqui, né?!*

Pablo Vittar: *A minha voz é assim mesmo, gente. Desculpem... Inclusive vocês tocam minha música todo final de programa. "DJ, toca o som, 'tô' ficando louca e 'cê' também. DJ, toca o som [...]"* [Trecho da música "Open Bar", cantada pela artista].

Pablo Vittar sai da abordagem e os repórteres retornam para a câmera sozinhos.

Vesgo: *Que voz é essa a dela, hein?!*

Gui Santana: *Ah... voz de quem chupa saco!*

(Trecho da entrevista de Pablo Vittar em 2016 para o Pânico na Band, reprisada durante o quadro "Pablo, qual é a rusga?" em 22/08/2017).

O trecho reprisado, mostra a total falta de respeito dos repórteres em relação a Pablo Vittar. Após fazer chacota da voz de Pablo, insinuando que ela teria expirado gás hélio, devido a sua voz fina, Vesgo ainda insiste em desqualificar o talento da artista. Pablo, por sua vez, mesmo após ser atacada, pede desculpa por ter a voz fina e diz: "*Inclusive vocês tocam minha música todo final de programa*". A resposta vai de encontro a fala dos repórteres, e surge como um contra-poder, no momento em que ela os confronta, dando a entender que, mesmo que critiquem a sua voz, a música dela é um sucesso e sempre toca no final do programa deles.

Após Pablo sair de cena, os repórteres se direcionam para câmera e fazem um comentário homofóbico. "**Vesgo:** *Que voz é essa a dela, hein?!* **Gui Santana:** *Ah... voz de quem chupa saco!*". O discurso de Gui Santana, ao comparar a voz de Pablo com a de quem *chupa saco* (o repórter faz referência à homossexualidade da artista inserida em um contexto sexual), coloca em questionamento todos os limites do humor. A frase dita por ele não se apresenta como engraçada, mas sim como homofóbica, ao oprimir a artista enquanto homossexual.

A frase de Gui Santana está imersa no que uma sociedade heteronormativa reproduz. Oprime, exclui, silencia e inferioriza. Pablo Vittar não deixa de ter mais ou menos talento por ter a voz fina, e o fato de ser homossexual também não deslegitima a sua arte e talento. Repórteres imbuídos de preconceito e que o fato de fazerem *humor* não

tira toda a carga de discriminação em suas *piadas*. Além disso, o programa não apresenta uma entrevista e sim um recurso de humor equivocados, que se utiliza de alguns referenciais da entrevista, para enganar e ludibriar tanto os entrevistados quanto seu público

No segundo episódio, em *Pânico 2*, novamente eles reforçam as supostas polêmicas em que a artista estaria envolvida. Durante a fala do apresentador, Emílio Surita, diversas manchetes (figura 1) surgem na tela, reforçando as supostas “polêmicas” na qual a *Drag Queen* estaria envolvida. “*A rápida ascensão ao topo do sucesso, desencadeou diversas polêmicas que manteram(sic.) o nome de Pablllo na boca de nossa mídia sedenta*”. Apesar de Emílio Surita fazer uma crítica aos meios de comunicação em sua fala, chamando de *mídia sedenta*, o próprio programa se utiliza dessas informações e de polêmicas que envolvem os artistas que serão entrevistados.

Figura 1. Printscreens das manchetes sobre Pablllo Vittar apresentadas no *Pânico na Band*, no segundo episódio



Fonte: Site YouTube (printscreens feito pelo autor).

Além da montagem do programa reforçar supostas características da personalidade da artista, ao utilizar diversas vezes a frase “*Nossa, já subiu pra cabeça. A Pablllo não falou comigo*”, e recorrer a manchetes de sites de fofocas nos dois episódios, o programa acaba por enfatizar um atrito entre Christian Pior e Pablllo Vittar em *Pânico 2*. “*Numa reação instantânea, [Christian] se dirigiu ao local para mais uma vez odiar a senhorita Vittar*” (Emílio Surita em *off* durante o programa *Pânico 2*). Nesta frase, o apresentador reafirma o discurso preconceituoso do programa, e podemos apontar aqui como um discurso de ódio, já que o próprio humorístico utiliza o verbo *odiar*. A busca

por Pablo não se apresenta apenas como uma entrevista, mas como uma perseguição na intenção de atingi-la de forma negativa.

Durante alguns trechos do programa, são inseridas as falas de outras *drag queens*, dando opinião sobre Pablo Vittar. Salette Campari é a primeira a aparecer, e diz que Pablo deve ter seus motivos para não ceder a entrevista: “*A gente tem que ser bem sincera: muita gente não quer falar com vocês, porque vocês ‘mete’ o pau também [...] vocês ‘acaba’ com a carreira de qualquer um*”. O programa *Pânico* é conhecido por se envolver em diversas polêmicas com artistas, sejam LGBTQfóbicas, machistas e sexistas. O programa faz chacota até de seus próprios integrantes, colocando em questionamento a sexualidade de algum deles, por exemplo¹⁶. Dessa forma o programa opera de forma heteronormativa-masculinista, seguindo uma linha editorial machista e preconceituosa, ao priorizar o masculino como predominante.

A seleção de imagens e de falas das entrevistas do programa, projetam sentidos duvidosos, como forma de atacar Pablo Vittar. Ao manipular as falas da artista e até mesmo reforçar algumas frases de ataque de Christian, durante o programa, eles constroem uma imagem distorcida da artista, projetando para o público uma Pablo esnobe. Mas a manipulação nas falas não fica restrita apenas a Pablo Vittar. A construção de outros sentidos e a incisiva atuação da montagem/edição é uma marca registrada do programa, uma vez que se utilizam dessa técnica para fazer o que eles consideram como *humor*.

Esse processo de montagem, segundo Castro (2012) tem o papel de “selecionar as imagens soltas e conferir-lhes um sentido suplementar que individualmente não seriam capazes”. Ao profissional da edição, cabe a missão de construir histórias através de técnicas audiovisuais e induzir o telespectador a construir significações. A manipulação dessas imagens, desempenha um papel crucial dentro do audiovisual, pois é através dessa montagem que é construída uma narrativa. Ao distorcer essas imagens, os telespectadores recebem um conteúdo controverso e podem replicar esse discurso.

Nogueira (2010) aponta que

[...] através da montagem, o resultado da união das partes excede a sua simples soma [...] A montagem consiste, então, na criação de relações de

¹⁶Em muitos programas, Bolinha (Marcelo Picon), que era um dos diretores e produtores do *Pânico na Band*, virou chacota dos integrantes do humorístico a até do próprio público. Ao participar de algumas matérias externas do programa, o bordão “*Bolinha, viado!*”, criado pelos integrantes do humorístico, também tomou a internet e as ruas a cada aparição de Bolinha em público.

um plano com os seguintes e/ou os anteriores, seja de que tipo for essa relação – de coordenação, de contraste, de contiguidade, de oposição, de semelhança, de implicação, de continuidade, por exemplo –, criando diversas modalidades de sentido: metáforas, sinédoques, repetições, hipérbolos, elipses, entre outras. (NOGUEIRA, 2010, p. 94 e 95).

Percebemos que a linha editorial do programa passa a atacar os artistas quando eles se negam a conceder uma entrevista para o *Pânico na Band*. Esse fato fica evidente não só no caso de Pabllo Vittar, mas também pelo histórico do programa com outros artistas. Christian passa de uma postura de ataque, no primeiro episódio, para a de um fã da Pabllo, no segundo episódio. Devido a essa oscilação de comportamento de Christian, podemos perceber os mecanismos de poder da mídia hegemônica, pois o humorista se modela e reproduz um discurso normalizador para/com Pabllo Vittar.

Essa diferença de abordagem nos dois episódios, mostra que o programa trabalha com o desprezo alheio, por insistir em um *humor* que reproduz discursos LGBTfóbicos, machistas e sexistas entre outros preconceitos. Apesar de perpetuar essas discriminações, o programa tem um grande número de telespectadores, pois ao fazerem esse tipo de *humor*, eles sabem que há os que consomem e gostam. O programa é um desserviço ao jornalismo, pois mesmo com entrevistas, não traz conteúdo relevante para consumo, muito menos informação, serve apenas para reafirmar estereótipos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nenhum momento o trabalho se propôs a discutir o talento de Pabllo Vittar que, por inúmeras vezes, foi e é colocado em questionamento pela sociedade. Pabllo, assim como outros indivíduos, ao ocupar um espaço na mídia, está sujeita a inúmeras críticas e construções. No caso de Pabllo, o fato de ser *gay* e *drag queen*, acentuam esses discursos conservadores e fazem com que ela precise (re)afirmar todos os dias o seu talento e sua posição em defesa da comunidade LGBTQ. Em pouco tempo de carreira, a artista já foi alvo de ataques na internet e vítima de inúmeras *fake news*, muitas influenciadas por discursos de ódio.

A partir da superestrutura da mídia, não se pode descartar que esses erros sejam propositais, como uma forma de estratégia de apreensão, no momento em que os apresentadores se colocam como pessoas leigas de temáticas que envolvem o universo LGBTQ. Ao buscarem por uma normalização de Pabllo Vittar nas entrevistas e se colocar

como alguém que não entende o universo da artista, os apresentadores/repórteres criam um vínculo com o telespectador que também não tem conhecimento do assunto, reforçando, assim, uma “anormalidade” desses corpos *queers*. O despreparo proposital, é uma estratégia de poder da mídia, a fim de deslegitimar Pablo Vittar reforçando estigmas.

Sendo assim, é necessário que não só o campo da comunicação, mas a sociedade, passe por uma reconfiguração no que se refere às questões de gênero. Essas discussões não podem ficar apenas no campo da pesquisa, mas precisam chegar às redações de jornalismo, para que a *comunidade* LGBTQ não continue sendo deslegitimada, marginalizada e atacada a cada entrevista. As problemáticas que envolvem a população LGBTQ vão muito além da normalização, mas esses fatores abrem espaço para que coisas piores aconteçam.

A mídia, como mediadora das relações sociais e um espaço democrático, tem a obrigação de abrir espaço para todos os corpos e se adaptar às mudanças constantes da nossa sociedade. Mesmo as LGBTQ ocupando um pouco mais esse espaço, as revistas, jornais, programas de televisão e outros canais que transmitem informação na mídia hegemônica ainda cometem muitos erros. O fato de dar visibilidade para as LGBTQ, não diminui o preconceito e os altos números de homicídios. Se faz necessária e urgente uma remodelação para que essas pessoas sejam, para além de visibilizadas, incluídas, representadas, tratadas e abordadas da maneira como se sentem, sem a necessidade do outro normalizar e tentar definir esses corpos.

A cultura *drag* tem muito o que mostrar da sua arte na mídia, e esses corpos *estranhos* surgem como forma de tensionar o discurso de normalização da mídia hegemônica. Mesmo sofrendo processos de regulação por parte da mídia, os corpos *queer* começaram a ocupar esse espaço - um passo inicial para a desconstrução da heteronormatividade. O processo de construção dessa pesquisa, fez com que eu aprendesse e me desconstruísse a cada leitura com a descoberta de novos termos, conceitos e teorias. Perceber o corpo como além de algo apenas físico e material, mas também como político e resistência, que a cada dia se refaz. Esses corpos *estranhos* são *revolucionários*.

REFERÊNCIAS

- AMANÁJAS, Igor. Drag Queen: Um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. **Revista Belas Artes**, São Paulo, ano 6, n.16, set-dez 2014. Disponível em <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/?pagina=player&slug=drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas>>. Acesso em: 31/03/2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução, Renato Aguiar. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CASTRO, Sérgio Miguel Silva. **Novas tendências de edição na televisão**. 2012. Dissertação (Mestrado em Som e Imagem) - Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa, Portugal, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.14/12077>>. Acesso em: 05/11/2018.
- CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. Ser e estar *drag queen*: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos em Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, p. 471-478, dez. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000300009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 31/03/2018.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Tradução, Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.v. 2.
- JAYME, Juliana Gonzaga. Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: pensando a construção de gêneros e identidades na sociedade contemporânea. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Org.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 149-166.
- LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. A Grande Mídia Brasileira e Identidades LGBT: Um retrato em 2008. **Revista Diálogos de lá Comunicacion**. 84. ed. jan-jun de 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/skMB8F>> . Acesso em: 04/09/2018.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1. ed.; Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MOREIRA, Larissa Ibúmi. **Vozes Trancendentes: os novos gêneros da música brasileira**. São Paulo: Hoo Editora, 2018.
- NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema III: Planificação e Montagem**. Covilhã: LabCom Books, 2010. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/nogueira-manuais_III_planificacao_e_montagem.pdf>. Acesso em: 10/10/2018.
- PAIVA, Raquel. Minorias flutuantes – novos aspectos da contra-hegemonia. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Campo Grande - MS. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/50253971234958572676067676657762756945.pdf>> . Acesso em 05/05/2018.
- SANTOS, Joseylson Fagner dos. Travestimentas e transexualidades no entretenimento televisivo. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro - RJ. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2532-1.pdf>>. Acesso em 23/04/2018.